

AS TROCAS (O CONTO)

THE EXCHANGES (THE SHORT STORY)

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2023.v15.20163>

Cassio Rodrigues da Silveira
Colégios Arena e Simbios
cassiofil@gmail.com

Recebido em 29 de abril de 2023
Aceito em 02 de agosto de 2023

Começou na vida cedo, ainda menor de idade, e era tão bonita! Pelo menos era assim que se sentia quando olhava no espelho, com os cabelos pretos, lisos e muito longos, pele amorenada, corpo parece que desenhado à mão. Os clientes também lhe diziam isso, o que reforçava sua convicção, e era disputada no salão da casa de lazer noturno da vilazinha natal. Não tardou que alguém lhe chamasse pra ir para uma cidade maior, existiriam mais casas, ganharia mais dinheiro, poderia ajudar a família a sair da vidinha de miséria. E pensando assim ela se foi.

O prenome não lhe agradava, soava mal, apesar de nunca ter dito isso aos pais, por respeito. A vantagem da vida que levava era poder trocar de nome como quem troca de roupa. Foi passando por várias casas e, conseqüentemente, assumindo diversos nomes: Fulana, Cicrana, Beltrana. Em algum momento ela imaginou que a troca era como que um batismo, que a lavava dos pecados anteriores, e era como se começasse existência nova. A beleza lhe era estragada com uma maquiagem sempre afetada, de mau gosto, feita por companheiras de atividade, e ainda assim a menina continuava disputada nos primeiros anos, e sorridente.

O tempo, no entanto, não lhe foi generoso. No começo era sempre falante, gostava de acalantar os clientes com a boa conversa. Aos poucos, no entanto,

percebeu que lhe queriam o corpo, e não a voz, e lhe tolerariam os gemidos, mas não as opiniões. Os donos das casas estavam preocupados que ela alegrasse os homens, e que os fizesse pagar bebidas caras, e que bebesse também. Por isso passava as noites acordada e embriagada, e teve que aprender depressa a lidar com as ressacas, com todos os seus vômitos e dores de cabeça, que passaram a ser suas companhias corriqueiras.

Ela não teve filhos, e se existir um Deus, pelo menos com relação a isso Ele lhe foi compreensivo. Diziam-lhe as mais velhas que ela tinha o útero seco, e quem era ela para questionar? Em alguns momentos na vida quis ser mãe, mas foi raro, na maioria das vezes foi sensata o suficiente para não querer que alguém lhe partilhasse uma existência assim tão destituída de sentido. Quase sempre deu mais carinho do que recebeu, e isso deixava clara a posição que ocupava no mundo, impedindo que reivindicasse algo a que aparentemente não tinha direito. Já amou, mas nunca se sentiu amada. Despediu-se sorrindo de alguns homens que ela desejou que voltassem, e que até lhe prometeram isso, mas que na maioria das vezes ela jamais voltou a ver. Os mais brutos, aqueles que ela não queria ver nunca mais, esses retornaram várias vezes.

E ela que começou nessa vida com dezesseis anos agora já tem mais de quarenta. Quem lhe vê diz que tem mais idade, é que as noites de falta de sono e excesso de bebidas e cigarros agora lhe cobram o preço. Vai ficando cada vez mais difícil arranjar casas nas quais trabalhar quando a aparência já não ajuda. Não tem amigos, e mora sozinha em dois cômodos alugados em local mal localizado. Os lugares nos quais viveu não lhe permitiram ter afinidade com ninguém, a concorrência pelas ninharias acabava por tornar cada mulher nessa vida uma potencial inimiga da outra, e não há espaço para solidariedade.

Não tem mais contato ou notícias dos pais ou amigos da infância da pequena cidade, apesar de os progenitores nunca terem lhe devolvido o dinheiro que enviou nas épocas em que ela conseguia guardar alguma coisa. Não tem ninguém a chamá-la pelo nome de batismo, e foram tantas trocas de nomes ao longo da vida, que é possível que ela nem lembre mais do que estava escrito na certidão de nascimento.

Ela só sorri para os clientes, e é um riso falso, amarelo, mas que vale mais do que a miséria que ela recebe dos marmanjos poderia pagar. Nunca mais lhe veremos um riso tão franco quanto aquele que soltou quando tinha sete anos de idade e estava na garupa da bicicleta do pai em uma subida e, de repente,

ele começou a pedalar em pé pra pegar mais impulso. Ela achou engraçadíssimo o pai pedalando e rebolando em pé daquele jeito, e gargalhou efusivamente. Ele, quando viu que a ação alegrava a pequena, ficou repetindo isso até que ela ficou mole de tanto rir. Essa sua risada nós não veremos mais, e o motivo é muito simples: ela entendeu que é possível inventar novos nomes tanto quanto se queira, mas que não é tão simples assim se criar novas vidas e deixar de ser o que se é.